

Constantino Ajimasto Jr.
Associação Brasileira do Novilho Precoce (ABNP)

Vamos lavar a roupa suja

da Redação

SEJA COMO presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Carne Bovina do Estado de São Paulo, seja como o repórter Grego do programa Agrótikos, a franqueza sempre foi a marca registrada de Constantino Ajimasto Jr. Assim ele conquistou a confiança de boa parte dos pecuaristas brasileiros e se transformou numa importante liderança do setor.

Hoje, ele acumula a presidência da Associação Brasileira do Novilho Precoce e da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Carne Bovina do Estado de São Paulo. “O que falta ao Brasil para consolidar sua posição no mercado mundial de carne não é tecnologia e nem competência, mas, sim, liderança e organização”, diz Ajimasto Jr.

AGROANALYSIS Como o senhor interpreta o *imbroglio* com a União Européia nas exportações de carne bovina?

CONSTANTINO AJIMASTO JR. Ou nós mudamos a nossa mentalidade ou vamos ficar fora do mercado internacional. Na cabeça da maioria dos pecuaristas, os clientes [os frigoríficos] não passam de bandidos. Até pouco tempo atrás, o pecuarista abatia o animal com 4 anos e meio. Havia uma mentalidade antiga e zero de profissionalismo. Isso mudou nos últimos anos, mas precisamos avançar muito mais, principalmente no que diz respeito à organização da cadeia produtiva e da representatividade do setor. Eu participo da Câmara Setorial da Carne Bovina em Brasília desde 2002, quando Roberto Rodrigues assumiu o Ministério da Agricultura. Das câmaras setoriais criadas pelo

ex-ministro, a da carne bovina foi a que teve maior adesão. Então, devemos criar uma forma de organizar toda a cadeia a partir da Câmara Setorial e formular uma política para apresentar ao Ministério da Agricultura, e não esperar que o governo resolva tudo. Por trás de toda essa crise da carne bovina há um problema de liderança, de organização. E devemos aproveitar essa crise para lavar a roupa suja e escolher melhor as nossas lideranças.

“Você tem
que expurgar
do mercado
gente que
não presta”

AGROANALYSIS Qual é a origem da crise?

AJIMASTO JR. Vamos voltar um pouco no tempo. O dr. Jader Ferreira esboçou o que seria um sistema de identificação por causa da vaca louca em 2000. Em 2001, que foi o grande divisor de águas, nós fomos à Austrália, que na época era o maior exportador de carne do mundo. Da missão participaram seis empresas e o Ministério da Agricultura. Quando eu

sai do Brasil, eu imaginei que ia voltar da Austrália e mudar tudo o que fazemos na fazenda do meu grupo. Mas, para minha surpresa, eu percebi que a parte moderna da pecuária brasileira dá de dez a zero na Austrália. Ou seja, o que nos falta não é competência nem tecnologia, mas, sim, organização. Na época, a Austrália estava sofrendo uma grande seca, que, aliás, piorou muito nos últimos anos. Eles não têm água. Nós rodamos mais de 3.000 km e cruzamos apenas dois córregos. Em 2001, a Austrália era o maior exportador de carne do mundo e o Brasil estava começando a exportar. O Pratini de Moraes tinha acabado de deixar o ministério. Meses depois, ele assumiu a Abiec e se transformou no grande mercador da carne bovina brasileira.

AGROANALYSIS Foi nesta época que o senhor assumiu a presidência da Associação Brasileira do Novilho Precoce?

AJIMASTO JR. O dr. Jader me incentivou a reativar a associação, que estava desativada desde 2000. Vale lembrar que ela foi criada em 1974 por um grupo de empresários que estava preocupado com a qualidade da carne bovina brasileira. Um deles é Belarmino Iglesias, que é dono de um dos maiores restaurantes de carne do Brasil, que também conta com filiais na Espanha e na Argentina. Os Iglesias foram pioneiros do *agribusiness* nacional, ao desenvolverem o conceito “da fazenda ao prato”. O Belarmino Iglesias praticamente foi obrigado a montar uma fazenda em Dourados (MS) para garantir aos clientes de seus restaurantes bifes de qualidade.



“ Não precisamos derrubar nenhuma árvore para aumentar o rebanho ”

Ele tem que assegurar o padrão da carne. Não dá para você servir uma picanha boa num dia e, no outro, oferecer uma carne dura. O cliente de um restaurante como o Rubaiyat é exigente.

AGROANALYSIS Como a Austrália conquistou a liderança do mercado internacional de carne bovina?

AJIMASTO JR. Por uma questão de sobrevivência do produtor. O consumo interno na Austrália é baixo. Ou eles exportavam carne, ou estavam mortos. Da necessidade nasceu a Aus-Meat, uma poderosa associação que reúne pecuaristas e a indústria de carne. Juntamente com o Ministério da Agricultura da Austrália, a Aus-Meat criou as normas de produção e de segurança alimentar, que hoje são utilizadas inclusive pela União Européia.

Eles montaram uma logística competente e passaram a abastecer os mercados dos EUA, Japão e Coréia. Com isso, a Austrália se firmou como grande *player* do mercado internacional, vendendo carne a US\$ 7.000/8.000 a tonelada. Para você ter uma idéia, na época nós exportávamos carne a US\$ 1.200/tonelada.

AGROANALYSIS Esta crise do Brasil com a UE foi causada por uma sucessão de erros. A impressão que dá é que os zagueiros do Brasil ficaram olhando um para a cara do outro, e a Irlanda entrou sozinha na área para marcar o gol.

AJIMASTO JR. É isso mesmo. Eu vou usar um jargão, um ditado que a gente escuta e dá risada: pau que nasce torto, morre torto. Infelizmente, o Sisbov já começou errado. O Pratini de Moraes teve a visão

estratégica de montar um sistema, mas não dá para fazer tudo sozinho.

AGROANALYSIS O Brasil parece um filme de suspense. A culpa é sempre do mordomo. No caso, do governo.

AJIMASTO JR. Começou tudo errado. Na Austrália, a Aus-Meat ocupa um prédio próprio de três andares. No início, era uma associação de pecuaristas, que depois incorporou também a indústria de carne. Aqui no Brasil, o Ministério da Agricultura nunca teve condições financeiras, nem estrutura. Tem gente competente lá dentro, mas é tudo difícil no governo, tudo amarrado. O Roberto Rodrigues até que conseguiu destravar um pouco a burocracia do ministério. A função do ministério é fiscalizar, os recursos são para a Defesa Sanitária. E o pecuarista que é bandido, safado, tem que ser preso. Se o ministério não tem condições e poder para prender o sujeito, ele deve agir com a Polícia Federal e o Ministério Público para pegar os bandidos. Você tem que expurgar do mercado gente que não presta.

AGROANALYSIS Mas quem é o mordomo?

AJIMASTO JR. Eu não tenho a menor dúvida que é uma questão comercial. A Irlanda é uma “ilhinha”, onde os fazendeiros chamam as vacas pelo nome. Tanto na Irlanda quanto na Escócia, pequenos produtores exportam carne para o mercado europeu. O Brasil, com toda essa capacidade, pode abastecer o mercado da Europa com carne barata, que custa três vezes menos que a carne da Irlanda. E ainda pagamos 176% de imposto para entrar na Europa! É uma tarifa pesada, ou seja, a briga é comercial mesmo. Mas, se o Brasil for organizado, se a cadeia produtiva funcionar, o País conquista o mercado europeu. O atual ministro da Agricultura tem história. Mas, com todo o respeito, é uma pessoa de gabinete, que não tem boi e nem sabe como funciona uma fazenda.

AGROANALYSIS Como podemos arrumar a casa?

AJIMASTO JR. Infelizmente, ainda vigora no Brasil a famosa “Lei de Gérson”,



“Isso de não estar desmatando é papo furado, pode escrever”

segundo a qual todos pensam em tirar vantagem. Está tudo errado. Isso não funciona mais no mundo globalizado. O sujeito tem que ganhar o que é justo. Há três anos, estamos rodando o País para mostrar ao pecuarista que é preciso produzir carne de qualidade. O produtor precisa de informação, e nesse ponto o trabalho da imprensa é fundamental.

AGROANALYSIS E a rastreabilidade do rebanho?

AJIMASTO JR. Podemos usar uma tecnologia desenvolvida pela Embrapa, que é bastante segura e eficiente. É a identificação eletrônica do animal com o *bolus*. A partir de janeiro do próximo ano, a lei determina que o bezerro, na hora em que nasce, seja identificado. Do nascimento do bezerro à gôndola do supermercado,

você tem condições de acompanhar o boi com um simples *scanner*.

AGROANALYSIS A Argentina tem rastreabilidade?

AJIMASTO JR. A Argentina é a mesma bagunça que o Brasil. O Uruguai é bem mais organizado. A economia uruguaia depende da exportação da carne bovina. Hoje, 100% do rebanho uruguaio são totalmente identificados eletronicamente, mas estamos falando de um rebanho de 4 milhões de cabeças.

AGROANALYSIS Toda a carne deve ser segura, não apenas a destinada ao mercado externo.

AJIMASTO JR. Correto. Mas, veja só. Um dos itens da nossa cadeia é a suplementação mineral. No cerrado, ela é fundamental para quem quer produzir carne

de qualidade. Na época da seca, o animal tem que ser suplementado, senão ele passa fome, emagrece. Há empresas sérias que produzem suplementos e adotam boas práticas de fabricação, seguindo as normas do Ministério da Agricultura. Só que você tem também as fabriquetas de fundo de quintal. Infelizmente, alguns frigoríficos vendem osso para essas fabriquetas produzirem farinha de osso. Foi este tipo de suplemento que causou a doença da vaca louca no rebanho da Europa. Então, antes que seja tarde demais, o MAPA tem que fechar essas fabriquetas e colocar os donos dessas arapucas na cadeia.

AGROANALYSIS Outro calcanhar de Aquiles da pecuária brasileira é a Amazônia.

AJIMASTO JR. Nós não precisamos derrubar nenhuma árvore no Brasil para aumentar o rebanho ou a área plantada. Nós temos tecnologia para recuperar as pastagens degradadas.

AGROANALYSIS A história do desmatamento não prejudica a imagem do Brasil lá fora?

AJIMASTO JR. Totalmente. É um tiro no pé. Em 2004, eu fui dar uma palestra no interior da França, onde está a sede do Limousin. A abertura da minha palestra era aquela famosa foto de tratores plantando soja, que forma um V. Mas o coordenador do seminário, quando viu aquela foto, pediu para que eu mudasse a minha apresentação. Ele disse que eu corria o risco de ser linchado. Depois, eu vi que todos os participantes da palestra portavam um *button* com os dizeres “Não à carne brasileira”. O principal tema do seminário foi o desmatamento no Brasil.

AGROANALYSIS Segundo o pessoal de Mato Grosso, o Brasil não está desmatando nada.

AJIMASTO JR. É mentira. Eu mesmo conheço um pecuarista do norte de Mato Grosso, na divisa com o Pará, que desmatou uma barbaridade. Ele desmatou 70% da fazenda dele, quando só poderia desmatar 20%. Isso de não estar desmatando é papo furado, pode escrever. ■